

Vestígio e Movimento

Gil Sibin — 6 de agosto de 2026



Ensaio de autorretrato — Gil Sibin

A literatura e a fotografia autoral compartilham um impulso: converter a percepção do mundo em forma. A palavra elabora cenas, atmosferas, durações. A imagem condensa experiência, afeto e investigação poética num único plano visível. Juntas, não se ilustram — atritam-se. A palavra escava o que a imagem cala; a imagem excede o que a palavra apenas sugere. Desse atrito nasce um terceiro sentido, que não pertence inteiramente a nenhuma das duas.

Investigo essa fricção há anos, em sucessivos ensaios de autorretrato, e chego sempre à mesma constatação. Tomado não como registro de um rosto, mas como campo de subjetividade, o corpo fotografado vira território de autoconhecimento — e, ao mesmo tempo, superfície onde a identidade se fragmenta em vez de se confirmar. Fotografar-se não é fixar uma imagem de si. É constatar que toda imagem de si já chega dividida. A câmera não resolve essa divisão. Ela revela.

Costuma-se pensar que uma foto de si mesmo serve para afirmar "este sou eu". É o contrário. Ao se olhar de fora através da lente, ninguém encontra uma unidade sólida — encontra facetas, contradições, dúvidas que a luz do dia disfarça. A identidade se despedaça na imagem, e a câmera não cura nem unifica nada disso. Ela apenas expõe, com uma nitidez que os espelhos não têm, a fragmentação que já estava lá.

Os regimes de tempo divergem tanto quanto os modos de revelação. A leitura avança linha por linha, simulando o próprio movimento da vida. A fotografia faz o oposto: congela um milésimo de segundo e o converte em vestígio — rastro do que já passou, não o que ainda pulsa. Depois vem a escrita tentando recompor o que aquele clique interrompeu, sem nunca conseguir por inteiro. E é exatamente nessa falha, no espaço que a palavra não alcança e a foto não mostra, que a obra continua viva.

As duas linguagens, quando reunidas num livro ou num ensaio, não se fundem numa terceira coisa homogênea. Mantêm suas identidades separadas dentro da mesma página. Ver e ler deixam de ser operações sucessivas para acontecer quase ao mesmo tempo, e o que se produz não é síntese: é tensão sustentada. Uma amplia o poder da outra justamente por se recusar a preenchê-la. A palavra não explica a imagem; a imagem não desenha o texto. É a lacuna entre as duas — o que nenhuma resolve sozinha — que obriga quem lê e quem vê a ir mais longe.